



Diálogo entre Barthes, Peirce e Greimas¹

Matheus Emérito²

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo abordar os estudos semióticos de Charles Peirce, Roland Barthes e Algirdas J. Greimas focando a relação da fotografia com o seu referente, com o real e, por conseguinte, sua autenticidade. Os três autores produziram teorias que quando correlacionadas podem complementar a outra ou confrontá-la, promovendo um debate sobre a existência e manifestação do objeto fotográfico.

PALAVRAS-CHAVE: fotografia; semiótica; comunicação; representação; realidade.

Introdução

Creio na natureza, e apenas na natureza (há boas razões para isso).
Creio que a arte é e não pode ser senão a reprodução exata da
natureza [...] [...] Um Deus vingador atendeu aos pedidos dessa
multidão. Daguerre foi seu messias. (BAUDELAIRE, 1995, p.801)

Mesmo tendo passado mais de 150 anos do seu surgimento, a fotografia ainda desperta debates quanto às suas propriedades e função midiática.

O livro “A câmara clara” (BARTHES, 1984) é um dos mais citados tratados sobre a fotografia. Roland Barthes faz uma leitura pessoal do material fotográfico e procura encontrar a “essência da fotografia”. Ele distingue dois elementos presentes no objeto de estudo. São eles o *studium* e o *punctum*. É neste último, que se concentra todo o “poder” da fotografia, pois esse “ponto” de que fala o autor é responsável por provocar o interesse no sujeito que observa. Ele o “punge”, desperta uma “força metonímica”.

Philippe Dubois em sua obra “O ato fotográfico” (DUBOIS, 1994), faz uma composição bastante coerente entre as idéias de Barthes e a semiótica. O autor discute a teoria do filósofo Charles Peirce, em particular o conceito de “índice” diante a definição barthesiana de *punctum*. Dubois busca relatar diversas posições teóricas a respeito da

¹ Trabalho apresentado no DT 08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 10 a 12 de junho de 2010.

² Doutorando do Curso de Comunicação e Semiótica da PUC-SP, email: matheus.emerito@hotmail.com



representação do real pela fotografia. O estudioso discorre em seu texto três linhas gerais: o discurso da mimese (a fotografia como espelho do real); o discurso do código e da desconstrução (a fotografia como transformação do real); o discurso do índice e da referência (a fotografia como traço do real). É nesta última que o autor permite a relação entre índice e *punctum*.

No entanto, este trabalho visa refazer o diálogo entre as teorias de Barthes e Peirce de uma forma breve e menos ingênua quanto à apreensão do real ou “verdade”. Para isso, será utilizado o conceito de “contrato de veridicção” desenvolvido a cerca do trabalho do semiótico A.J. Greimas. O “verdadeiro” ou “mentiroso” na mensagem fotográfica, talvez seja de um caráter que depende diretamente da intencionalidade no discurso do enunciador.

1. Reflexão sobre Barthes, Peirce e a Fotografia

1.1 Charles Peirce

Charles Sanders Peirce nasceu no ano de 1839, em Cambridge (Massachusetts). Seu pai, Benjamin Peirce, foi um famoso cientista da matemática, física e astronomia. Desse modo, Peirce se viu envolvido no meio científico desde cedo. Ingressou nos cursos de Física e Matemática na Universidade de Harvard, formou-se em 1859 e logo se dedicou a suas pesquisas. No ano de 1863, concluiu o curso de Química e assumiu o posto de astrônomo em Harvard. Nesse mesmo período, Peirce tornou-se conhecido no meio acadêmico por suas pesquisas desenvolvidas na área, as quais descobriria falhas em experiências anteriores a respeito da força da gravidade. Simultaneamente, se dedicava ao estudo da filosofia (Kant, Descartes) e à lógica, que em pouco tempo, lhe rendeu cargo como conferencista na Universidade John Hopkins.

Peirce não obteve tanto sucesso em sua carreira acadêmica e chegou a viver em extrema pobreza, sustentado pelo amigo e filósofo, William James. Em seus últimos dias, Peirce vivia em Milford (Pensilvânia) em “relativo” isolamento até sua morte em 1914.

Peirce pode ser considerado um dos maiores intelectuais de nosso tempo. Elaborou conceitos e definições para as mais diversas áreas do conhecimento como astronomia, matemática, física, comunicação, etc. Suas obras, devido ao seu



comportamento excêntrico, foram publicadas em revistas, jornais e pequenas editoras. Na sua grande maioria, continuam ainda em estado de manuscritos inéditos.

1.2 Roland Barthes

Apenas um ano após a morte de Peirce, nasce na França, Roland Gérard Barthes. Ainda com pouca idade, perde o seu pai e dedica-se exclusivamente aos estudos. Desde adolescente, era considerado um bom aluno e pretendia ser professor. Sofreu do mal da Tuberculose que o fez se distanciar um pouco dos seus objetivos, mas foi durante este período que desenvolve vários textos que futuramente se tornariam grandes obras. Barthes ensinou como professor no Instituto Francês de Bucareste (Romênia), na Universidade de Alexandria (Egito). Foi pesquisador-bolsista do CNRS (*Centre National de la Recherche Scientifique*), diretor de estudos da École Pratique des Hautes Études. Fez conferências por vários países, inclusive na mesma instituição que Peirce possuía vínculo a Universidade John Hopkins.

Barthes se tornou um respeitado sociólogo, professor, crítico, escritor e semiólogo. É conhecido como um dos principais estudiosos dos fenômenos culturais e sociais como sistemas de códigos. Foi um dos primeiros a entender o comportamento no cotidiano como resultado da persuasão mitológica dos simulacros.

1.3 A fotografia de Barthes e Peirce

“A câmara clara” de Barthes (1984) é um livro sobre o contato de um homem com a fotografia, em busca de sua essência. Trata-se de um diário de leitura simples, espaçada sobre o exercício do olhar ao espetacular fotográfico. No entanto, ao decorrer dessa busca, nota-se que o autor postulou alguns elementos presentes na fotografia que torna possível a sua relação com a realidade. Barthes (1984) chama de *punctum* um detalhe na fotografia que, por um motivo, atinge o “sujeito que olha”. Seria como uma flecha que sai do papel para atingir o observador, fazendo com que este a perceba. Em outras palavras, o *punctum*, é o elemento figurante que torna possível a existência da fotografia para o observador. Barthes acima de tudo enfatiza a presença de um referente para tornar possível a fotografia. A relação referencial se dá, principalmente, pelo processo de produção da foto – a captação de raios luminosos que imprimem a imagem.



O autor afirma: “A foto é literalmente uma emanação do referente. [...] Uma espécie de vínculo umbilical que liga a meu olhar o corpo da coisa fotografada.” (1984, p.121)

[...] na fotografia jamais posso negar que a coisa esteve lá. Há dupla posição conjunta: de realidade e de passado. E já que essa coerção, só existe para ela, devemos tê-la, por redução, como a própria essência, o noema da Fotografia. (BARTHES, 1984, p.115).

Barthes afirma que o noema da fotografia, a sua essência, seria o “isso foi”. Em outras palavras, o estudioso quer dizer que todo material fotográfico apresenta um objeto que realmente existiu, “esteve lá”. No entanto, numa época onde os avanços tecnológicos possibilitam a transposição da “representação” para “construção”, oferecem alternativas de simulações e até criações dos “referentes”. Por exemplo, no cinema atual pode-se recriar qualquer cidade européia de séculos passados ou até fazer surgir dinossauros em suas ruas.

É evidente que as simulações são projetadas baseando-se em referentes, em “pistas” do que “foi”, em indícios. Em “A câmara clara”, o autor ainda subestima ou provoca uma discussão sobre a “realidade” ao afirmar que a fotografia, ao contrário da pintura, pode representar o real: “Chamo de ‘referente fotográfico’, não a coisa facultativamente real a que remete uma imagem ou um signo, mas a coisa necessariamente real que foi colocada diante da objetiva [...]” (1984, p.115). Não se trata de um erro no texto barthesiano, apenas uma “falta de clareza” que deve ser apontada, pela qual o teórico talvez não fora o único a cometer.

[...] Barthes é pego na armadilha, não mais da mimese, mas do referencialismo. Pois aqui está o perigo que espreita esse tipo de concepção: generalizar, ou melhor, absolutizar, o princípio da “transferência de realidade”, quando se adota uma atitude exclusivamente subjetiva de pretensão ontológica. Barthes está longe de ter escapado a esse culto – a essa loucura – da referência pela referência. (DUBOIS,1994,p.49).

Como foi dito anteriormente, não se pretende dizer que Barthes errou e que se deve corrigir a sua teoria. No entanto, há outra possibilidade de abordagens que cabem aqui serem detalhadas. Como a teoria semiótica de Peirce, na qual se pode entender que a fotografia é em primeiro lugar índice (assim como Barthes coloca) e só depois pode se tornar “semelhante” e adquirir sentido.



As fotografias, e em particular as fotografias instantâneas, são muito instrutivas porque sabemos que, sob certos aspectos, elas se parecem exatamente com os objetos que representam. Porém, essa semelhança deve-se na realidade ao fato de que essas fotografias foram produzidas em tais circunstâncias que eram fisicamente forçadas a corresponder detalhe por detalhe à natureza. Desse ponto de vista, portanto, pertencem à nossa segunda classe de signos: os signos por conexão física [índice]. (PEIRCE *apud* DUBOIS, 1994, p.49).

De acordo com a teoria semiótica de Charles Peirce (1974), todo fenômeno pode se manifestar dentre três categorias: primeiridade (oriência), secundidade (reação, conexão) e terceiridade (interpretação). Tal representação é acionada por um signo em três formas: ícone, índice (index) e símbolo. O ícone é que conota o seu objeto através da semelhança. O índice indica a existência, continuidade física com seu referente. O símbolo é o signo interpretado por convenção geral. A imagem fotográfica seja ela gerada por processo químico (luz sobre uma emulsão sensível) ou digital (imagem convertida em pixels) possuem características de signo icônico (semelhança com o objeto) e índice (ao indicar a sua existência). Dessa forma, estão conectados com o objeto e assim sugerem a idéia de “reprodução” da realidade, o que, na verdade, seria “re-produção”. De acordo com Peirce, o homem não tem contato direto com a realidade. Tudo se dar por mediação. O objeto (fenômeno) é mediado por signos e assim interpretado. Portanto, a “reprodução” seria considerada “representação”. Mas o que falar da astúcia do digital, onde o “referente” é construído, mas existente, pois “está lá”?

Vale abrir um parêntese a uma questão que envolve a característica indicial da fotografia. Tendo em vista o atual avanço das técnicas de digitalização da imagem, cada vez mais o computador se torna ferramenta para a construção (ou reconstrução) de elementos visuais. O professor Martin Lefebvre atento as variadas asserções de que a fotografia vem perdendo seu caráter de índice, escreve a respeito de um equívoco na abordagem da semiótica peirceana. Os demais autores acreditam que a reprodução digital de imagens descarta o valor indicativo (aceito nas fotos-químicas). Lefebvre (2007) contesta tais afirmações ilustrando dois diferentes tipos de índices, os quais muitos teóricos não tomam conhecimento: índice direto e índice indireto.³ O índice direto se manifesta ao passo que o objeto se mostra como “causa eficiente” do signo.

³ Charles Peirce distinguiu dois tipos de índices: *designators e reagents*. Ambos correspondem, respectivamente, a índice indireto e índice direto de acordo com Lefebvre. Tal distinção de Peirce pode ser encontrada em *Collected Papers of Charles Sanders Peirce*, 8. 369, n.23 (Cambridge: Harvard University Press, 1931-1935)



Por exemplo: a dilatação do mercúrio devido ao calor exercido sobre o mesmo. No índice indireto, a causa é denominada como “formal”. O objeto é apresentado indiretamente através da “causa eficiente”. Um exemplo no cinema, encontra-se o trabalho produzido pelo canal de televisão, Discovery Channel, chamado *Vôo 1907* (Alan Tomlinson, 2007) a respeito de um desastre aéreo ocorrido no Brasil. Uma das cenas do filme foi construída virtualmente através de modelagem animada em 3d. A seqüência é resultado da mediação do operador digital, o qual reconstituiu o cenário (assim como uma pintura). Dessa forma, o objeto (a cena) se manifesta através de uma “causa eficiente”, ou seja, indiretamente. A dúvida quanto ao caráter de índice dessas imagens é provida de sua existência como fato “real”. Lefebvre, baseado na teoria de Peirce, explica que a fotografia, por si só, implica numa direta ou genuína relação existencial com o objeto original. As imagens geradas digitalmente, assim como o desenho, pintura, precisam que o interpretante possua informações “colaterais” (anteriores) para que entendam o objeto existente. Sejam elas legendas, títulos ou associações com o elemento no mundo “real”. No entanto, entende-se que tal condição não elimina o valor indicativo das imagens.

A característica indicial da “possível” existência é denominada “rema”. E a existência de fato, é definida como “dicente”. A fotografia química possui o potencial “dicente” como índice, enquanto a fotografia gerada digitalmente possui potencial de “rema”. Desse modo, conclui-se que a fotografia não perde sua relação de existência com o objeto. O que ocorre é uma gradação do perfil indicador (indireto ou direto).

2.A VERDADE

O gosto exclusivo pelo Verdadeiro (tão nobre quando limitado a suas verdadeiras aplicações) reprime e sufoca o amor pelo belo. Onde seria necessário ver tão-somente o belo [...] nosso público busca apenas o verdadeiro. (BAUDELAIRE, 1995, p.801).

Como foi dito anteriormente, os aparatos tecnológicos servem para “construir”. Talvez, a palavra “representação” possa ser substituída por “construção”. Se atualmente, o indício de existência de um referente numa exibição fotográfica pode depender do crivo cultural ou “experiência colateral” do enunciatário, a intenção do enunciador toma o palco das discussões.



De acordo com a semiótica greimasiana, a questão da “verdade” é substituída pelo “dizer-verdadeiro”. Em um discurso, a “verdade” depende dos mecanismos de linguagem utilizados pelas as extremidades da cadeia comunicativa – enunciador e enunciatário. O “crer-verdadeiro” do enunciador não basta. Por mais que possa dizer que está “seguro”, que “sabe” e “conhece” bem o assunto, faz-se necessário que o enunciatário compartilhe tal segurança. Esse compartilhamento é denominado contrato de “veridicção” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p.530). Sendo assim o problema da “verdade” no discurso quanto ao referente se resume a um acordo, a estratégia do enunciador “fazer parecer verdadeiro”.

[...] quando há coincidência do parecer e do ser num universo de discurso, há “verdade”; a coincidência do parecer e do não-ser define a “mentira”; a do não-parecer e do ser define o “segredo”; enfim, a coincidência do não-parecer e do não ser define a “falsidade”. (Bertrand, 2003, p.241)

Greimas (2008, p.531) acrescenta que “o verdadeiro tanto no significante como no significado, tomados separadamente, o também quando se trata da interpretação intersemiótica da verdade no próprio signo”. A abordagem denotativa (N. Chomsky) ou conotativa (R. Barthes) da linguagem “repousam” sobre duas interpretações diferentes: a representação e o referente “verdadeiro”. Na primeira, “a linguagem cola inocentemente às coisas. Na segunda, “ela constitui uma tela mentirosa destinada a ocultar uma realidade e uma verdade subjacentes.”

Para tentar atestar o que foi descrito, mesmo que rapidamente, foi realizada uma pequena experiência quanto ao “contrato de veridicção”. Como forma de avaliação da disciplina⁴ “Regimes de sentido nas mídias - História, lugares, figuras e funções da crítica cultural” do curso de Comunicação e Semiótica, foi solicitado uma breve apresentação de resenha de alguma das obras discutidas em sala de aula. Este autor, aluno do corrente curso, decidiu exibir fotos de Roland Barthes desde a sua infância até a idade madura, durante a apresentação do trabalho. No entanto, de todo o material exibido nada continha da “verdadeira” imagem de Roland Barthes ou de sua família. Tratava-se de uma simulação com fotos de pessoas de sua época. Foram ao todo oito fotografias, coletadas aleatoriamente na internet. Das oito, quatro faziam parte de um

⁴ Disciplina ministrada pela Professora Leda Tenório, no ano de 2009.



blog⁵ em inglês de uma vila do interior da Inglaterra. Site este, destinado a manter fotos de famílias e lugares como patrimônio. As outras quatro fotografias foram selecionadas no site de busca, Google. O objetivo da experiência era coletar dados⁶ que comprovassem que os alunos acreditaram nas fotos como sendo de Barthes e que ainda, estas os ajudaram a compreender melhor o conteúdo exposto. Para isso foi criado um breve formulário⁷ com quatro questões fechadas. No total, nove alunos responderam todo o formulário.

A primeira pergunta procurou saber o nível de experiência dos alunos quanto a imagem de Roland Barthes. “(1) Você é familiarizado com a imagem do autor (Roland Barthes)?” – de nove alunos, apenas um afirmou que tinha muita familiaridade com a imagem do autor. Sendo assim, ficou mais fácil para o enunciário, o fazer-creer no discurso.

O segundo item era a afirmativa: “(2) As fotos foram apresentadas de forma coerente e adequada”. Dessa forma, poder-se-ia constatar se todos viram de maneira satisfatória as fotografias. Caso contrário, eles nem poderiam estar participando da pesquisa. Todos concordaram com a afirmativa – mais um ponto positivo para a experiência.

A terceira questão surgiu da função didática da mensagem, mesmo ela sendo “falsa”. Precisava-se saber se as fotos com o “referente distorcido” ajudou na compreensão do conteúdo – “(3) As fotografias ajudaram de alguma forma no entendimento do conteúdo?”. Do total, seis consideraram que o material exibido serviu “muito” como suporte e três acharam que a ajuda foi “razoável”. Do ponto de vista didático, a apresentação se mostrou eficiente.

A quarta e última pergunta, talvez a mais importante, tentou verificar, além da credibilidade do material, se eles (enunciários) acreditam no discurso a ponto de assumirem que já haviam visto algumas das fotografias anteriormente – “(4) Você já havia tido algum contato com as fotos apresentadas no seminário, seja por internet, livros, revistas, etc?”. Incrivelmente, cinco dos nove alunos afirmam conhecerem as imagens e terem as visto “algumas vezes”. Apenas um, com exceção dos que assinalaram “não recordo”, assumiu que não ter tido “nenhuma vez” contato anterior.

⁵ <http://http://www.melin-y-coed.co.uk/>

⁶ Em anexo.

⁷ Inserido neste trabalho como Apêndice A.



A experiência nos mostrou que a apresentação didática foi eficiente com o auxílio das fotos. Claro que ao final a simulação foi revelada, porque em um ambiente acadêmico a autenticidade nos é preciosa. Por outro lado, devemos nos voltar um pouco mais para a função do falso, como simulação, nas mídias e estudá-lo sem receio de afrontar o referencial barthesiano. Faz-se necessário entender melhor como funciona o processo de veridicção nas variadas esferas da mídia, como jornal impresso, cinema, internet.

Aqui, nos deparamos com alunos que disseram que as fotografias os ajudaram na compreensão e percebe-se que nenhum deles apontou qualquer característica de “falsidade” ou “mentira” no discurso do enunciatário. Este que por sua vez, atingiu o seu objetivo através de suas estratégias de fazer o “parecer” se tornar “ser”.

3. Referência bibliográfica

BARTHES, Roland. **A câmara clara**. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BAUDELAIRE, Charles. **O público moderno e a fotografia**. em Salão de 1846, Poesia e Prosa. Organização Ivo Barroso. Rio de Janeiro: Aguilar, 1995.

BERTRAND, Denis. **Caminhos da semiótica literária**. Bauru:Edusc,2003.

CALVET, L. **Roland Barthes: uma biografia**. Tradução de Maria Angela V. da Costa. São Paulo: Siciliano, 1993.

DUBOIS, P. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Campinas: Papirus, 1994.

GREIMAS, A.J.;COURTÉS, J. **Dicionário de semiótica**.São Paulo:Contexto,2008.

LANDOWSKI, Eric. **A sociedade refletida**. São Paulo: Educ e Pontes, 1992.

LEFEBVRE, Martin. The indexicality of images in the Age of the digital. A semiotic Approach to two paradigms of Pictorial Representation. In: ELKINS, James. (Org.) **Photography Theory**. Nova York: Routledge, 2007.



PEIRCE, C.S. **Os Pensadores**, vol. XXXVI, trad. de Armando Mora D'Oliveira. Col. Abril Cultural, 1974.

PEIRCE, C.S. **Semiótica e Filosofia**, trad. de Octanny S. da Mota Leônidas Hegenberg. São Paulo: Cultrix, 1972.

PEIRCE, C.S. 1977 **Semiótica**, trad. de Teixeira Coelho. São Paulo: Perspectiva, 1977.

SANTAELLA, L. **A Assinatura das coisas**. Peirce e a Literatura, Coleção Pierre Menard. Rio de Janeiro: Imago, 1ª reimpressão 1999.

SANTAELLA, L. **Semiótica Aplicada**. Publicidade, vídeo, arte, literatura, instituições. São Paulo: Thomson, 2ª edição 2004.



APÊNDICE A – Formulário de perguntas aos alunos

FORMULÁRIO

1) Você é familiarizado com a imagem do autor (Roland Barthes)?

- Não
- Muito pouco
- Pouco
- Razoavelmente
- Muito

2) As fotos foram apresentadas de forma coerente e adequada.

- Concordo Plenamente
- Concordo
- Nem concordo nem discordo
- Discordo
- Discordo Plenamente

Justificativa

(opcional): _____

3) As fotografias ajudaram de alguma forma no entendimento do conteúdo?

- Não
- Muito pouco
- Pouco
- Razoavelmente
- Muito

Justificativa

(opcional): _____

4) Você já havia tido algum contato com as fotos apresentadas no seminário, seja por internet, livros, revistas, etc?

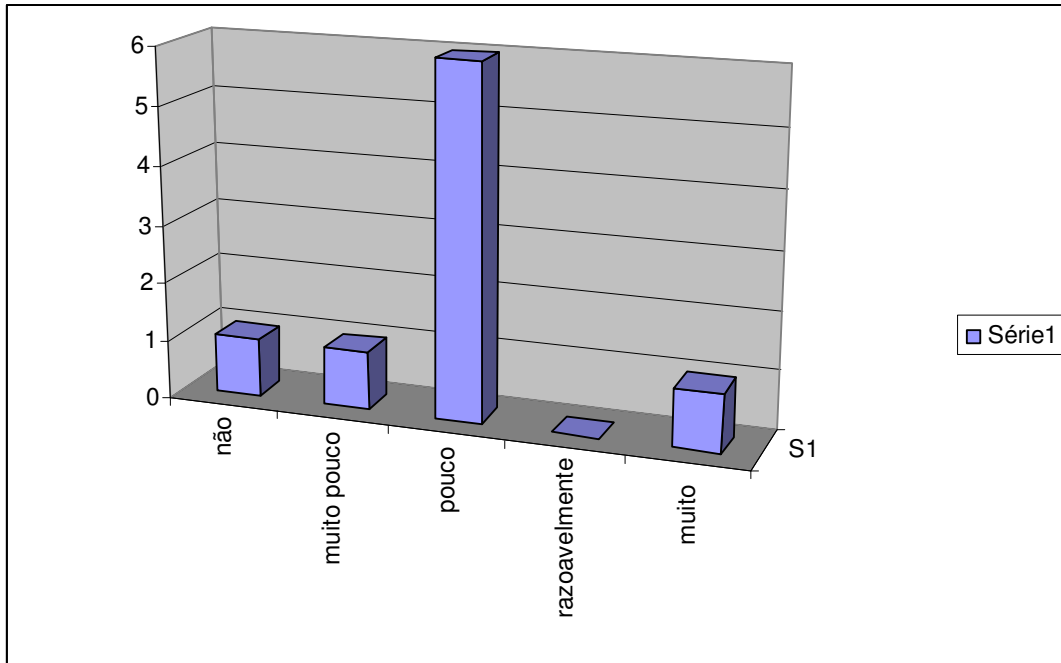
- Não recordo
- Nenhuma vez
- Uma única vez
- Algumas vezes
- Frequentemente

Favor, especificar se possível o meio

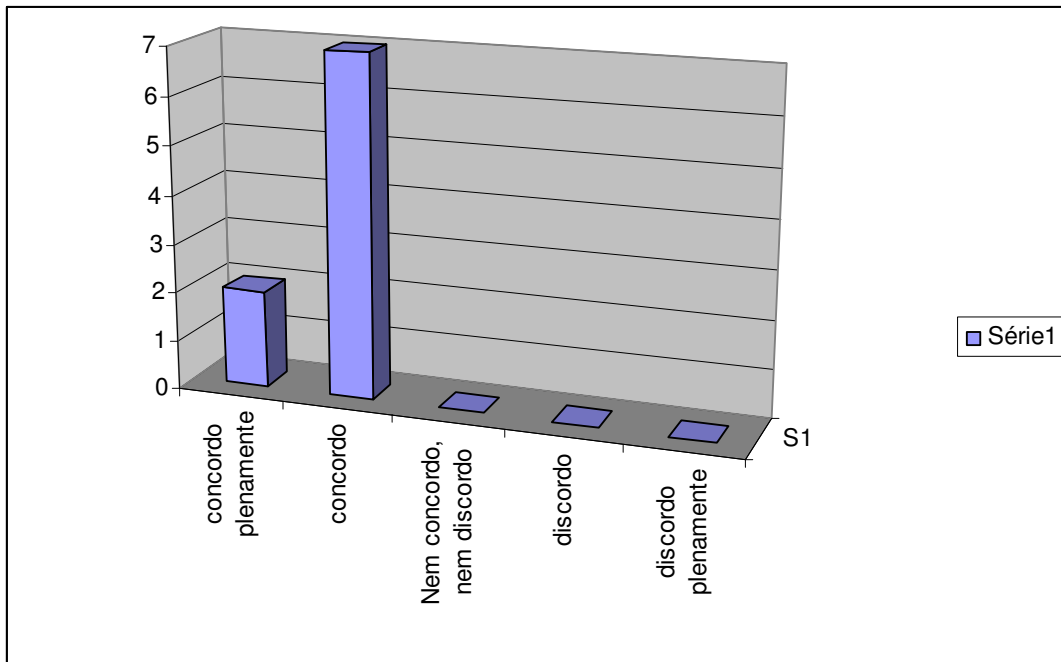


ANEXO 1 – Gráficos do resultado da pesquisa

1) Você é familiarizado com a imagem do autor (Roland Barthes)?

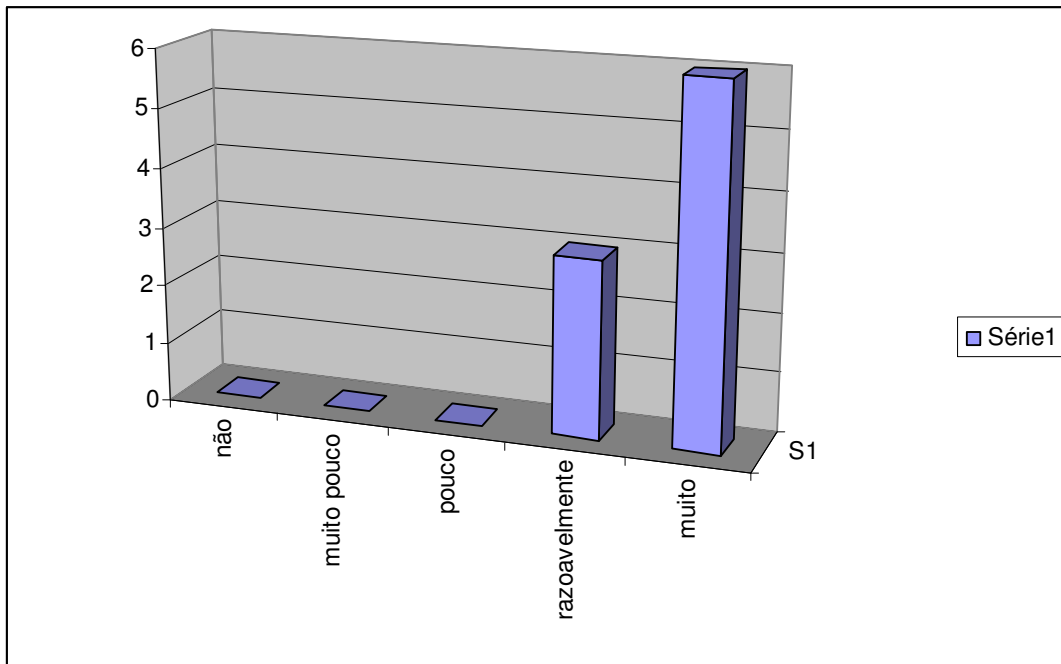


2) As fotos foram apresentadas de forma coerente e adequada.





3) As fotografias ajudaram de alguma forma no entendimento do conteúdo?



4) Você já havia tido algum contato com as fotos apresentadas no seminário, seja por internet, livros, revistas, etc?

